

**DE CEREJA DO BOLO PARA O SAL INDISPENSÁVEL DA COMIDA:
POR UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NO ENSINO DE ARTE****Márcia Strazzacappa¹**

Resumo: A partir de uma comunicação oral realizada virtualmente no XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino/Endipe-RIO, o presente artigo aprofunda questões que foram levantadas sobre corpo, arte e educação diante dos desafios do ensino remoto que passou a vigorar em virtude das restrições impostas pela pandemia, principalmente em relação ao ensino das artes cênicas, dança e teatro. Por fim, o artigo propõe uma mudança de paradigma em relação à Arte após lições aprendidas em 2020. Que o ensino de arte passe a ser compreendido não como exceção e sim como regra, não como artigo de luxo e sim como um bem necessário e imprescindível à formação e existência humanas.

Palavras-Chave: Corpo; Pandemia; Ensino de Arte; Ensino remoto.

**OF CHERRY FROM CAKE TO THE INDISPENSABLE SALT OF
FOOD: FOR A CHANGE OF PARADIGM IN ART TEACHING**

Abstract: Based on an oral communication that took place virtually during the XX National Meeting of Didactics and Teaching Practice/ENDIPE-RIO, the present text discuss some issues raised about body, art and education after the challenges of remote teaching. Nowadays, all teachers are facing this situation due to the restriction imposed by the pandemic. This article will discuss mainly teaching of performing arts, such as dance and drama. The article also proposes a paradigm shift in relation to the teaching of Art after lessons learned in 2020. That art education should be understood not as an exception but as a rule, not as a luxury item, but as a necessary and indispensable asset to human formation and existence.

Keywords: Body; Pandemic; Art teaching; Remote teaching.

1 Márcia Strazzacappa é professora aposentada da Faculdade de Educação da Unicamp e professora visitante sênior do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional/Prof-Artes na UFPB. Membro do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/Laborarte. Livre Docente (Unicamp), Doutora em Arte (Universidade de Paris/França). Mestre em Educação (Unicamp). Graduada em Pedagogia (Unicamp) e em Dança (Unicamp). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2007. E-mail: marciastrazzacappa@gmail.com

REFLEXÕES À LUZ DO MOMENTO

Como falar em corporeidades em conversações em um momento em que todas as pessoas foram privadas de movimento corporal? Em que foram submetidas a permanecer por horas sentadas² diante de uma tela de computador, *tablet* ou celular? Em que, de um dia para o outro, nos vimos confinados e confinadas dentro de nossas residências? Em que professores e professoras de todos os segmentos de educação (formal, não-formal e informal), dos diferentes níveis (educação infantil, ensino fundamental, médio, técnico e superior) e dos vários campos do conhecimento (incluindo aí a dança, cuja aprendizagem se dá essencialmente pela prática), substituíram o espaço físico das salas de aula pelo o espaço virtual? Em que nós professores e professoras fomos privados da tridimensionalidade do corpo de nossos e nossas estudantes? Como falar em corporeidades, quando o que temos diante de nós são apenas as imagens (planas, bidimensionais e achatadas) de corpos de nossos e nossas estudantes, ou ainda pior, imagens que por vezes se apresentam fragmentadas, desfocadas ou distorcidas de corpos delimitados pelo retângulo da tela? Quando só conseguimos acessar essas imagens (delimitadas pelo retângulo da tela) à **medida** em que nossos e nossas estudantes abrem suas câmeras? E, para isso, ficam na dependência de **poder** abrir (ou seja, em primeiro lugar precisam ter uma **câmera**, internet funcionando, um bom plano de dados) ou de **querer** abrir (para não expor sua privacidade, sua casa, sua família)?

Estamos ainda em plena Pandemia causada pelo Coronavírus. E, infelizmente, ela tende a durar ainda mais, sobretudo diante da incapacidade e da morosidade por parte do governo federal em tomar decisões sanitárias acertadas. Testemunhamos a politização da liberação dos imunizantes já existentes e uma declarada campanha contra a vacinação por meio da veiculação de falsas informações. Essa situação nos leva a crer que perdurarão as aulas remotas, o uso de máscaras e álcool gel e o distanciamento social. Tendo esse cenário como fundo, adentro o tema do presente artigo: discorrer sobre corpo, arte e educação diante dos desafios impostos pela condição atual de nossa existência. O que temos aprendido com isso?

2 Reporto-me aqui à dissertação de mestrado de Jussara Miller (2005) que mais tarde foi publicada em livro (2007). Além do texto escrito, em sua defesa foi realizada a apresentação de uma coreografia intitulada "Corpo Sentado".

Opto em tecer uma reflexão a partir de uma comunicação oral que foi realizada em novembro passado no Simpósio Transdisciplinar “Artes, movimento e transgressão: insurgências formativas na escola e na universidade” dentro da programação do XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino/ENDIPE³. A mesa era composta por três professoras⁴, cada qual responsável por uma linguagem artística. Minha contribuição era para discorrer especificamente sobre as artes cênicas, isto é, a dança e o teatro. Preparei minha palestra para o simpósio com muita antecedência tendo em vista o desejo da organização de realizar o lançamento de um e-book com as comunicações de convidados e convidadas durante o evento. Porém, entre a redação do texto para a comunicação (enviado em janeiro para ser publicado no E-Book previsto para julho de 2020) e o dia da realização da Mesa (ocorrida finalmente em 5 de novembro pelo *YouTube*⁵), começou a Pandemia.

O texto finalizado, enviado e publicado ficou defasado e acabei, no dia da mesa, realizando uma fala que adentrou em questões relativas aos acontecimentos ocorridos durante a pandemia no tocante ao corpo e às artes cênicas.

Identifico, no momento, a oportunidade de deixar registrada por escrito, aqui, a reflexão que foi desenvolvida naquela ocasião. Vou além, busco ainda responder algumas provocações feitas e questionamentos levantados com o intuito de adensar aquilo que foi dito e o que foi vivido desde então.

O ensaio publicado no E-Book do ENDIPE⁶ intitulava-se “Um, dois, três e já! A importância das artes cênicas na formação humana”. Era dividido em quatro partes: na primeira, o relato de UM episódio; na segunda, a apresentação de DOIS conceitos, quais sejam, dança e teatro – lembrando que o público do ENDIPE é majoritariamente formado por professores e professoras da educação básica, não especialistas em arte-; na terceira parte, TRÊS preocupações referentes: 1) à “conjuntura política atual em que o corpo e a arte passaram a ser clara e abertamente ameaçados, tendo sido colocada em cheque a autonomia dos cidadãos” (STRAZZACAPPA, 2020); 2) ao excessivo uso das tecnologias

3 Previsto para ocorrer em julho de 2020 no Rio de Janeiro, o XX ENDIPE-RIO foi realizado virtualmente no período de 29 de outubro a 12 de novembro. Minha comunicação se deu no Simpósio Transdisciplinar intitulado: Artes, movimento e transgressão: insurgências formativas na escola e na universidade.

4 Professoras Doutoras Monique Andries Nogueira (UFRJ), Lucia Vignoli (INES) e como mediadora, Maria de Fátima Abdalla (UniSantos).

5 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RtXbrjQxae>>.

6 Organizado pelas professoras Giseli Cruz, Claudia Fernandes e Silvana Fontoura com o título: *Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas*. E-book. 2020.

por crianças e jovens em detrimento ao movimento corporal e 3) à constatação do aumento de casos de depressão **entre estudantes** universitários. Por fim, a quarta parte se referia à urgência para a tomada de atitudes diante das questões expostas.

O artigo que ora apresento concentra-se nas terceira e quarta partes. Almejo revisitar alguns pontos e fazer propostas concretas para, quiçá, ir além da “conversa” e fazer jus às “ações” presente na palavra conversações.

REVISITANDO ALGUMAS PREOCUPAÇÕES

Das três preocupações apontadas no texto do Endipe e acima indicadas, uma delas – referente à conjuntura política - em nada mudou. Ou melhor, diria que apenas aumentou (e aumenta a cada dia, basta acompanhar o noticiário). No momento, opto em discutir as outras duas: o uso das tecnologias e o aumento de problemas de ordem psicológica e social de estudantes.

Se, há um ano atrás, o desmedido uso das tecnologias era criticado, destacando o quanto estudantes tinham dificuldades para deixar o celular durante aulas, encontros, eventos sociais, por privilegiarem na maioria das vezes “o interlocutor virtual, com quem se está dialogando pelo celular, que o amigo real sentado à sua frente” (STRAZZACAPPA, 2020), hoje, houve uma inversão de valores relativos ao choque entre real *versus* virtual. A condição de funcionamento e da própria existência da educação passou a ser a virtualidade e aquilo que se criticava antes referente à excessiva permanência de crianças e jovens nos celulares passou a ser não apenas normal como desejado.

De fato, como havia escrito:

Não podemos negar as tecnologias, nem rejeitar os avanços que elas representam em nossas vidas. As tecnologias estão aí e a tendência é que elas sigam sendo aprimoradas, evoluindo, avançando e inovando. O problema, afinal, não está nas tecnologias em si, mas no uso que se faz delas, sobretudo quando elas influenciam o desenvolvimento e/ou manutenção de nossas habilidades e sentidos. (...). [Sabe-se que] quanto mais se usa a tecnologia, menos se usa o corpo (incluindo aqui a mente) e isso leva a consequências tanto físicas quanto psíquicas (STRAZZACAPPA, 2020, p. 173).

No artigo usado como referência para o presente texto havia ilustrado com exemplos concretos a paulatina substituição dos sentidos pelos aplicativos disponíveis nos celulares. Identifiquei que além de mapas de localização, agenda de compromissos, caderneta de telefones, lista de compras e alarmes, a partir de 2020, temos também componentes curriculares, vídeo-aulas, exercícios de fixação de conteúdos, atividades escolares e complementares, avaliações das disciplinas dentre outras atividades educativas. A diferença agora é que o uso ininterrupto do celular ocorre com o aval de pais, professores, coordenadores pedagógicos e diretores. O virtual tornou-se a condição *sine qua non* de disciplinas, cursos e formações. Enfim, a tecnologia passou a ser necessária para que a educação em seus diferentes níveis acontecesse.

Caberá a docentes e pesquisadores/as universitários/as a tarefa de realizar um balanço acerca dos bônus e dos ônus do ano letivo de 2020, das inúmeras horas consecutivas e exaustivas diante das telas, não apenas por parte do alunado, como do próprio professorado. Minha contribuição para o início desta avaliação se pauta nas artes cênicas, artes do/no corpo. Onde está o corpo? Como está o corpo?

A sábia decisão de várias universidades brasileiras, incluindo as duas em que atuo, foi a de flexibilizar os semestres, priorizando disciplinas teóricas em detrimento das disciplinas práticas, laboratoriais e de estágio; ampliando o período letivo e reconhecendo outras formas de avaliação. A proposta aprovada previa concentrar as disciplinas teóricas em um semestre ministrando-as remotamente e ofertar as práticas de forma presencial no semestre subsequente. A expectativa, à época desta regulamentação, era de que a condição do ensino remoto seria passageira. Porém, a pandemia foi se agravando. Sem perspectivas de melhora, foram tomados novos procedimentos, como a prorrogação do reinício de atividades presenciais, a continuidade de aulas remotas e a reorganização do ano letivo.

Pessoalmente, colocava-me resistente a ministrar aulas remotas. Sou uma profissional do corpo presente, do toque da mão na pele, do aguçar dos sentidos. Carrego comigo cadernetas para registrar sensações e faço anotações de aula à mão com canetas coloridas. Peço o mesmo aos e às discentes. Não uso o recurso de apresentação de slides

em PowerPoint⁷, embora lance mão do projetor de imagens para fazer provocações poéticas por meio da exibição de trechos de filmes, fotografias e reproduções de obras de diferentes artistas. Sou uma profissional do movimento. Sou uma artista da dança, do teatro, enfim, da cena. E o que é a cena sem o público em carne e osso presente?

Além disso, há muitos anos venho invertendo minhas aulas, (sejam elas de graduação, de pós-graduação, de extensão ou oficinas esporádicas) no sentido de primeiramente evidenciar o corpo e o movimento, para só depois passar à leitura, reflexões teóricas e discussões. Repito: mesmo em se tratando de aulas consideradas teóricas⁸, inicio convocando o corpo de todos e todas à ação. Desta forma, pautada em Marcel Mauss (2003), reafirmo que o corpo é nossa tecnologia de base. Segundo o professor Gilmar Rocha: “Mauss confiou ao corpo um lugar central em suas análises da magia, do sacrifício, da prece, das expressões obrigatórias do sentimento, da dádiva, das técnicas corporais e até mesmo no processo de construção do ‘eu; no indivíduo moderno” (ROCHA, 2011, p. 80)

Minha resistência, no entanto, durou pouco, não apenas porque não havia outra opção, como porque professores e professoras de arte somos experts em encontrar brechas, frestas e, como ervas daninhas (ALBANO, 2011), seguimos ocupando os vãos e os entrelugares. Passei a pensar a virtualidade como mais um entrelugar. Desta forma, a figura do monstro da virtualidade rapidamente se desfez. Cedi às aulas remotas e tenho feito uso de slides. A tecnologia está aí e se não podemos ir contra ela, então, o jeito é torná-la nossa aliada.

Assim, da sala de aula real para o espaço virtual, adaptei minha forma de ministrar as aulas, sem perder sua essência, isto é, sem perder o foco no corpo e no movimento. Segui habitualmente abrindo meus encontros letivos com uma prática corporal (ou vivência sensorial) inicial para só depois adentrar o tema da aula. O que mudou foi o tempo de duração desta, que se tornou mais enxuto. Passei também a adotar esse ritual inicial em

7 Sobre esse ponto, aconselho a visualização do TED Talk de John Bohannon, intitulado “*Dança versus powerpoint, uma proposta modesta*” registrado em Bruxelas em novembro de 2011, acesso pelo link: <https://www.ted.com/talks/john_bohannon_dance_vs_powerpoint_a_modest_proposal?language=pt-br>.

8 sobre isso, vide o artigo intitulado: Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT24%20Trabalhos/GT24-1335_int.pdf>.

palestras e conferências. A cada *live* ou palestra virtual⁹ que participei, iniciava convidando o público a se levantar de sua cadeira (ou sofá, poltrona, cama, rede), ou seja, convidava o espectador a sair da condição sedentária e espreguiçar. Por vezes, esta solicitação não passava de dois minutos. Ia conduzindo de forma lenta alguns gestos e movimentos com ênfase nos ombros, pescoço e cabeça, mais precisamente, visando diminuir as tensões da região cervical. Igualmente propunha bocejos e caretas, uma forma lúdica de se espreguiçar a musculatura do rosto e ensinava uma pequena massagem para se fazer com a ponta dos dedos na região dos olhos, uma das mais afetada pelo excesso de horas diante de telas.

Meu intuito ao conduzir esses 120 segundos de movimentos singelos era dialogar de corpo para corpo e mostrar quanto o simples e pequeno pode ser complexo e grande. Mais que “falar sobre”, propunha de fato “agir com”. Ao invés de DAR exemplo, desejava SER exemplo. Conversas e ações em equilíbrio. Mesmo que por tempo reduzido, esses pequenos movimentos acabavam mexendo com as pessoas de tal forma que durante a palestra ou ao final dela, a maioria dos comentários no chat não era composto por perguntas, mas por manifestações de satisfação, alegria, prazer, leveza e muitos agradecimentos por ter proporcionado a cada pessoa participante momentos para se estar novamente consigo própria, movendo e redescobrando seu corpo. Ao ler e ouvir esses comentários concluía a mesa com a sensação de missão cumprida.

Assim, reforço o que um dos grandes pensadores da atualidade, o historiador israelita Yuval Noah Harari, afirma sobre a tecnologia que “nos dá um poder imenso, mas ainda somos nós que decidimos o que fazer com ela” (HARARI, 2019, p. 43). Sim, a decisão está em nossas mãos. Precisamos ter consciência disso e seguir segurando firme as rédeas da tecnologia e não nos deixarmos levar levemente por ela.

Adentrando na discussão da última preocupação destacada, havia estabelecido no texto anterior, uma correlação entre a reduzida atividade corporal e criativa devido ao excessivo uso das tecnologias e o número exorbitante de casos de depressão, crise de ansiedade, síndrome do pânico e síndrome de *burnout*, sobretudo junto ao público estudantil.

9 Além do Endipe, participei das Mesas 3 – “Ensino e Pesquisa das Artes Cênicas em tempo de pandemia e caos político” e Mesa 4 – “Percepção, Mitos e Fronteiras como atos de insurreição artística” dos Seminários On_line da ABRACE; de duas edições do “Laborartizando – Encontros vibrantes entre artistas e pesquisadores/as do Laborarte”; da Mesa “Processos criativos e ensino da arte em tempos de Pandemia”, no Centro Estadual de Arte e Cultura da Paraíba/CEARTE. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCT1hDJINCaSjJO7SguaCJ-g?view_as=subscriber>.

Naquela ocasião, havia indicado que acreditava que parte do problema estava relacionado à substituição do movimento corporal pelos *gadgets* e alertava, de forma categórica, sobre a urgência na tomada de uma atitude. Para isso, defendia:

a necessidade de as artes cênicas estarem presentes de forma prática e vivencial nos diferentes níveis da educação básica, da educação infantil ao ensino superior, passando pelo ensino fundamental, ensino médio e ensino técnico, [dada] a importância da arte do corpo na formação de todo e qualquer indivíduo (STRAZZACAPPA, 2020, p. 174).

A justificativa para essa defesa se pautava na constatação de que por meio da prática do teatro e/ou da dança, a pessoa pode entrar em contato consigo própria, com seu corpo, viver sua individualidade e, ao mesmo tempo, pode se conectar com o outro, com o corpo do outro, viver a alteridade. Mais adiante ainda afirmei que:

Não se trata de uma visão romântica, nem de uma solução milagrosa. Não se trata sequer de crer que as artes cênicas sejam salvadoras do mundo. Trata-se de reconhecer o potencial que estas linguagens têm para se trabalhar questões primordiais para a vida dos indivíduos. (...) Com as tecnologias terceirizando os sentidos, as habilidades e as emoções; com tantas virtualidades; com tantas mentiras (*fakenews*), com tantas imagens distorcidas, urge trazer o jovem para a realidade. Precisamos tomar consciência do aqui e agora, do mundo real e concreto, do tocar, do sentir, em outras palavras, precisamos simplesmente estar presente de corpo inteiro (STRAZZACAPPA, 2020, p. 175).

Mas, como estar presente de corpo inteiro diante da atual conjuntura? Diante da virtualidade? - questionaram-me ao final de uma palestra. Reportei-me à Ciane Fernandes, professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, não para citar algum de seus artigos, mas para comentar sua participação como Membro do GT Estudos da Performance na primeira Mesa do Seminário Permanente ABRACE ON_LINE¹⁰. Enquanto ela discorria sobre o tema, contorcia-se em um tecido acrobático¹¹ cor de laranja que pendia do teto de sua sala. Mais do que palavras, ela nos oferecia movimentos e gestos. De fato, ela nos fazia provocações sinestésica (ligada aos vários sentidos) e cinestésica (ligada ao movimento). Reportei-me igualmente a um antigo artigo, porém ainda atual, intitulado “A educação e a fábrica de corpos”. Nele explicava a um colega que me pedira conselhos de

10 Mesa 1 com o tema: *Artes de Rua, Circo e Performance em tempos de crise pandêmica e política*, ocorrida em 21 de Agosto de 2020 dentro da programação do Seminário Permanente ABRACE ON_LINE.

11 Embora ciente que são pouquíssimas pessoas que têm disponível um tecido acrobático em sua sala de visitas, a ideia da artista-pesquisadora era de propor colocar o corpo em outra posição, promovendo uma nova condição de se estar e, assim, permitir olhar o mundo de outro ponto de vista, como de cabeça para baixo.

exercícios para estimular a correção de posturas inadequadas de seus estudantes: “não adianta o professor corrigir insistentemente a postura dos alunos se o que lhes fala mais forte não é a palavra (verbo) e sim o modelo vivo (corpo)” (STRAZZACAPPA, 2001).

Dentro deste contexto, como professora e artista, o que me cabe precisamente é continuar a SER exemplo. Paulo Freire já afirmava que “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo” (FREIRE, 1996, p.34). Assim, desde o início da pandemia tomei a decisão de seguir com minhas provocações poéticas, corporais e sensoriais nas aulas remotas sejam elas síncronas ou assíncronas, nas lives, nas palestras virtuais e nas diferentes participações em eventos.

LIÇÕES APRENDIDAS EM 2020

Passo, agora, a discorrer sobre aquilo que aprendi ao longo de 2020.

Creio que meu maior aprendizado encontra-se na seguinte afirmação: A mudança é a única constante¹². Dentro desta máxima, tive de me reinventar como docente, como pesquisadora e como artista. Mas não fiz isso sozinha. Destaco aqui a importância do trabalho coletivo dos LaborARTISTAS¹³, um subgrupo do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação/Laborarte, formado em sua maioria por artistas da dança (além de artistas cênicos e pedagogas) que estiveram ou estão sob minha orientação.

Antes da pandemia, as reuniões do grupo de pesquisa eram quinzenais, porém, ao ouvirmos nossas necessidades prementes, passamos a encontros semanais. Isso só foi possível porque as reuniões aconteciam *online*, desta forma, era possível realiza-los independente de estarmos (ou não) na Universidade em Campinas/SP¹⁴. A partir desta decisão, foram ao todo 26 encontros de 3 horas cada, sendo 21 encontros de pesquisa, duas bancas de defesa (Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico/Unicamp), uma banca

12 Trata-se igualmente do título de um dos capítulos do livro “21 lições para o século 21” de Yuval Noah Harari.

13 Em 2020, participaram do subgrupo, em ordem alfabética: Adilson Ledubino, Adriano Pinheiro, Carla Ávila, Dimir Viana, Katia Defacci, Letícia Frutuoso, Maíra Santos, Margarida Gordo, Mirza Ferreira, Priscili Silva, Rosana Baptistella, Rosane Trindade e Emiliana Wenceslau (mestranda do prof. André Luiz que pesquisa dança)

14 O grupo de pesquisa Laborarte é sediado na Faculdade de Educação da Unicamp e conta com uma sala de estudos teóricos (com mesa, computador, armários) no prédio principal além de utilizar a sala ED 03 (especialmente criada para atividades corporais, sem carteiras e com piso de madeira) no prédio anexo II para as reuniões quinzenais.

de Livre Docência (USP) e alguns eventos internacionais¹⁵. Os encontros começavam com uma prática corporal conduzida por mim, ou por quem quisesse, seguida de comentários sobre o vivido/experimentado para só então adentrar na discussão de textos.

Esses encontros virtuais não eram obrigatórios. Eles se iniciavam pontualmente às 9h, mas em virtude de compromissos profissionais dos/as participantes (aulas, bancas e reuniões, lembrando que muitos/as são gestores/as em instituições de ensino de Norte a Sul do Brasil), esses/as podiam se juntar ao grupo quando possível. Havia apenas duas regras pautadas nas Imersões Poéticas¹⁶: 1) “eu estou aqui”, em outras palavras, uma vez dentro da sala virtual/cena, estar presente de forma íntegra com qualidade de presença e 2) “proposta lançada na roda é proposta feita”, ou seja, todos/as deveriam atender a proposição ou responder a provocação feita pelo/a colega, independente da maneira e dentro de seus limites e possibilidades.

Para os encontros não havia uma programação prévia de textos. Sugestões de leituras foram sendo feitas a partir do vivido seja nos encontros virtuais seja em cena, na tela, em vida, na escola, no Brasil, no mundo ou ainda na ação / criação. Uma leitura levava a outra leitura. Participantes sugeriam textos que iam de artigos científicos, teses e livros de literatura a ensaios, dramaturgias e literatura infantil. Esses, por sua vez, conduziam a outras sugestões de leituras, vídeos, imagens, programas, filmes.

Dos encontros, consolidamos propostas concretas de criação, desde uma dramaturgia, “Insólito” (título provisório), à pesquisa sobre presença (ou não) das teorias e práticas de Augusto Boal nos cursos de licenciatura em teatro da região Sudeste do Brasil (ES, SP, MG e RJ). Também fizemos provocações poéticas das quais resultaram em fotografias, vídeos, músicas, poesias, canções e coreografias.

Foi neste subgrupo que discutimos as aulas remotas de dança e de teatro, ouvindo e colhendo experiências diversas, levantando sugestões, expondo as dificuldades, apresentando nossas ansiedades e medos. As críticas sobre o ensino remoto de modo geral foram as primeiras que emergiram, relativas a problemas técnicos, logísticos, profissionais

15 Máira Santos, pesquisadora do Laborarte, organizou dois eventos internacionais intitulados *UnSafeSeries* junto à Universidade de Lisboa, instituição na qual realiza seu pós-doutorado, sendo uma conferência com o antropólogo Tim Ingold e um Workshop prático de criação em dança com o artista da dança Julyen Hamilton.

16 Imersões Poéticas como processos de formação do artista – pesquisador – docente, projeto de pesquisa apoiado com bolsa de Produtividade em Pesquisa/Arte do CNPq.

e pessoais, tais como: falta de experiência ou pouca familiarização com EaD (Ensino a Distância) e/ou com o ensino remoto; a confusão entre estas duas categorias de ensino, lembrando que não são sinônimos; as constantes interrupções por parte de familiares, animais de estimação e mensagens de celular durante as aulas síncronas tanto por parte de docentes quanto de discentes; as incontroláveis interferências como campainha, carro de som, reforma na casa do vizinho durante as gravações das aulas assíncronas; o *delay* entre falas e gestos causados por alguns equipamentos. As críticas mais contundentes diziam respeito ao não preparo de docentes para o ensino remoto; a falta de auxílio logístico para que docentes pudessem ministrar aulas e a falta de auxílio financeiro para que estudantes pudessem acompanhar as aulas. Talvez o mais sério ponto crítico diz respeito ao agravamento das desigualdades sociais com o ensino remoto. Como nos alertava Paulo Freire que “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 21), por vezes aulas não aconteciam pois no ensino remoto só quem tem celular e internet, tem acesso à sala de aula. No tocante especificamente às aulas de corpo, dança e teatro, a dificuldade de se ter em casa um espaço físico adequado para a realização da prática; a restrição na oferta de jogos teatrais, tendo em vista que apenas alguns funcionam sem interação presencial com colegas de turma; a não visualização do corpo inteiro e dos gestos de estudantes durante as aulas, logo, a dificuldade em realizar correções necessárias; a impossibilidade técnica de se falar ou cantar ao mesmo tempo; dentre outros.

Os problemas detectados e as críticas acima listadas têm sido discutidos em diferentes instâncias educativas. Gostaria de mostrar aqui o outro lado da moeda, ou seja, apontar alguns aspectos positivos que observei nesta nova realidade, após um ano realizando encontros virtuais com o subgrupo de pesquisa e dando aulas na graduação:

- 1) a sala de aula se tornou mais homogênea e equilibrada, no sentido de que na tela, todos/as¹⁷ estudantes estão “sentados/as na primeira fileira”;
- 2) a conversa paralela foi oficializada, pois deixou de ser entre duplas isoladas na sala real e passou a acontecer na troca de mensagens pelo chat com a participação de todos e todas, inclusive dos/as docentes;
- 3) a participação dos e das estudantes ficou melhor organizada, tanto pelo fato da impossibilidade de se falar concomitantemente, quanto porque quem fala fica em evidência e, assim:
 - a. o/a orador/a da vez tende a elaborar melhor aquilo que vai falar,

17 Ciente de que todos e todas aqui fazem referência àqueles e àquelas que tiveram acesso à tecnologia com uma internet potente, um plano de dados robusto, um celular ou computador em bom funcionamento etc... Lembro ainda que algumas universidades disponibilizaram chips de Internet para celulares para estudantes carentes.

- b. o/a orador/a da vez exercita o poder de síntese para que todos/as tenham direito ao uso da palavra;
- 4) o/a estudante mais tímido/a, quieto/a e/ou calado/a tornou-se mais visível e encontrou seu lugar de fala (provavelmente por estarem “sentados/as na primeira fileira” como apontado no item 1).

Pelo fato de os e as estudantes terem na sua tela do celular, *tablet* ou computador, quase de forma exclusiva, a figura do/a professor/a, foi criada uma sensação de proximidade até então não vivida pelo alunado. Essa proximidade intensificou os vínculos docente/estudante e aumentou o respeito e a responsabilidade de ambas as partes. Se anteriormente estudantes precisavam romper inúmeras barreiras como timidez, baixa autoestima, insegurança, vergonha, medo de errar, dentre outras para chegar ao professor, hoje, o acesso é paradoxalmente no *tête-à-tête*.

Durante a avaliação final de uma das disciplinas da graduação, por exemplo, por mais de uma vez, estudantes afirmaram ter a sensação de que ao longo do semestre não se dirigiam para uma aula e sim iam para encontros com a professora. Nunca pareceu tão acertada a afirmação de Sir Ken Robinson: “o coração da educação está na relação entre estudante e professor. Todo o resto depende de quão produtiva e exitosa essa relação é.” (ROBINSON, 2015, p.15). Essa sensação fez com que alterassem sua relação com o conteúdo trabalhado e com colegas de turma.

A proximidade se deu também em virtude da condição de estarmos todos e todas aprendendo uns com os outros. Os e as jovens estudantes têm muito mais facilidade com aplicativos, plataformas, equipamentos e assim acabam dominando com maior rapidez os recursos do *Moodle*, *Google Meet*, *Google Team*, *Classroom*, *Zoom*, *Whereby* dentre outros. Ao longo de 2020, foram estudantes que auxiliaram docentes a editar vídeos, gravar aulas, compartilhar tela, salvar arquivos, abrir e fechar salas, dentre outras ações, numa troca diária de aprendizagens até que todos/as se sentissem familiarizados com as novidades.

De fato, afirmo que sigo aprendendo com estudantes de graduação e de pós-graduação, com orientandos e orientandas, com ex-orientandos e ex-orientandas, pois eles e elas fazem perguntas, questionam, criticam, provocam, sugerem e inspiram.

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS

Em 2020, me desafiei a aprender uma nova atividade corporal. Já reconhecia que algumas práticas como meditação, *mindfulness* e yoga apontavam caminhos para suportar e/ou superar os desafios deste novo século, mesmo antes da pandemia. Ao ler, estudar ou ouvir alguns *podcast* sugeridos por colegas docentes, identificava os benefícios destas práticas e as conexões que existiam entre elas e as práticas artísticas, como o teatro e dança, porém, tudo isso ainda de forma racional. Havia afirmado no texto do Endiipe que ainda não havia feito nenhuma destas formações e, assim, fixei como uma das metas para 2020 iniciar ao menos uma. Só depois de viver no corpo, pelo movimento, poderia, então, compreender a técnica, tirar minhas conclusões e confirmar, pela prática, meus estudos racionais.

Ao me mudar para João Pessoa, Paraíba, na condição de professora visitante sênior do Prof-Artes da UFPB¹⁸, morando pela primeira vez numa cidade litorânea e plana, optei por incluir em minha prática corporal diária caminhadas e passeios de bicicleta. Das 5 às 8 horas da manhã, a avenida que beira o mar é interdita ao trânsito de veículos e um número grande de pessoas aproveita a temperatura ainda amena do amanhecer e o amplo espaço para se exercitar. Na areia, em grupos ou individualmente, com ou sem instrutores, diferentes práticas corporais podem ser observadas. Encontrei aí a oportunidade de iniciar sessões de yoga com uma conhecida instrutora local. Estava alcançada a meta.

No entanto, com o início da pandemia, as sessões presenciais foram suspensas. Ficamos duas semanas sem encontros até que, apesar de todas resistências, dentre elas a minha própria, a instrutora passou a dar as aulas *on line* pela plataforma *Zoom*. O grupo (formado majoritariamente por mulheres com mais de 60 anos, porém praticantes há muito tempo) teve dificuldades com ajustes de microfones e câmeras de celulares e/ou computadores para o aplicativo. Porém, após mais alguns dias, os encontros seguiram de forma produtiva. Com a virtualidade, logo, sem restrição no número de participantes por conta do espaço físico, a instrutora passou a abrir todos os horários das sessões para quem quisesse acompanhar.

18 Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional/Prof-Artes é um Programa de Mestrado Profissional (*stricto sensu*) em Artes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPEs: capes.gov.br/educação-a-distancia/profartes.

Embora eu fosse uma iniciante na Yoga, a instrutora me permitiu seguir realizando as sessões virtuais por compreender que eu já tinha conhecimento corporal suficiente. O mesmo não ocorreu com outra cliente que também iniciava sua formação. Apesar da insistência, como ela não trazia experiências corporais anteriores, seria arriscado seguir com as sessões sem ter o acompanhamento presencial, que implica em ser observada, vista e corrigida pela mestra.

Essa atitude da instrutora apenas ratificou aquilo que já defendia. Para se realizar práticas corporais *online*, na qual o instrutor não tem acesso à tridimensionalidade do movimento e dos corpos de seus e de suas estudantes, é um risco aceitar iniciantes. Quando se sabe aquilo que o corpo já tem como conhecimento tácito, cabe à instrutora (com o perdão do pleonasma) seguir com instruções. O conhecimento prévio que a instrutora tinha de suas alunas (éramos todas mulheres) ficava mais evidente quando, durante as sessões, em determinadas posturas, ela alertava nominalmente indicando a alternativa do movimento para não comprometer a lesão na coluna de uma ou o limite articular de outra.

Embora considere muito cedo para tirar conclusões acerca da prática do Yoga, já reconheço seus benefícios em meu corpo, sobretudo no que tange a respiração e o controle de ansiedade. Ao realizar várias das posturas identifico aquilo que os livros de história da dança já sinalizavam: a dança moderna bebeu dessa fonte! O mesmo é válido para a técnica de Joseph Pilates. Mas essa discussão ficará para uma outra hora.

POR UMA MUDANÇA DE PARADIGMA

Gostaria de caminhar para a finalização do artigo com uma proposta pontual que abarca a arte de forma mais ampla, não apenas as artes cênicas: E se ao invés de se pensar o ensino de Arte como a cereja do bolo, passarmos a pensar nele como o sal? Ou seja, ao invés de compreender a Arte como acessório, enfeite, supérfluo, exclusivo, único ou ainda um luxo¹⁹ para poucos, olhar para o ensino de arte como o tempero indispensável da comida, logo, necessário e imprescindível?

19 Reporto-me aqui a uma das primeiras leituras sobre ensino de arte realizada durante a graduação em Pedagogia. Trata-se da obra organizada por Louis Porcher, Educação artística: luxo ou necessidade? traduzida para o português e publicada pela Summus em 1986.

Fiz essa pergunta-provocativa durante minha fala no simpósio do Endipe. Meu intuito era criar uma nova metáfora para o ensino de Arte. A metáfora como recurso epistemológico, tal qual apresentada pelo professor Jarbas Siqueira Ramos da UFU em que:

a metáfora possibilita novas posturas epistemológicas baseadas na ambiguidade de referência, na multiplicidade de perspectivas, na construção de novos significados, na proposição de outras práticas de comunicação, na construção de outros argumentos. A essa perspectiva tenho chamado de postura metafórica (RAMOS, 2017, p. 140).

Como as palavras têm força, gostaria de encontrar uma metáfora potente suficiente para promover uma significativa mudança na educação. Uma metáfora também ligada ao paladar. Foi assim que propus pensarmos o ensino de arte não mais como a cereja do bolo, mas como o sal indispensável da comida.

O ensino de arte como tempero primordial **já acontece em alguns segmentos da educação, sobretudo na educação não-formal**. Enquanto dentro do espaço escolar a arte tem de praticamente pedir licença para ocorrer, do lado de fora da instituição, podemos observar a quantidade de projetos sociais repletos de oficinas, geralmente oferecidos no contra turno escolar e em regiões classificadas como de vulnerabilidade social, em que atividades artísticas e corporais (música, pintura, fotografia, dança, teatro, coral, entre outras) são oferecidas para crianças e jovens com resultados promissores. Poderíamos nos perguntar: por que há tantas oficinas em projetos sociais em que a arte é o carro chefe e nas escolas de educação formal, o ensino de arte continua a ser apenas a cereja do bolo?

Vamos comparar o tempo que é dedicado ao ensino de arte nestes dois segmentos.

Nos projetos encabeçados pelo Terceiro Setor, as diferentes linguagens artísticas são oferecidas cotidianamente. Se pegarmos como recorte um **único** dia, olhando verticalmente para ele, encontramos uma linguagem exclusiva sendo trabalhada de acordo com o tempo que ela demanda, isto é, se for dança, 90 minutos de aula técnica mais 60 minutos entre ensaio e processo de criação coreográfica; se for teatro, 30 minutos de jogos teatrais mais 60 de improvisação e ensaio; se forem artes visuais, dependendo do projeto, do material e da técnica empregada, pode-se tomar o período todo, e assim por diante.

Na educação formal, o ensino de arte fica restrito a uma ou duas aulas de 45-50 minutos de duração na semana, a depender do ano escolar. No último ano do Ensino Médio, por exemplo, o ensino de arte foi excluído. Deve-se lembrar ainda que, muitas vezes, neste curto período de aula o/a responsável pela disciplina tem de abarcar as quatro linguagens artísticas, algumas das quais que ele/a **não domina (música, dança, teatro e artes visuais)**.

Sir Ken Robinson, professor e pesquisador britânico da Universidade da Califórnia, infelizmente falecido precocemente no ano passado, em uma das palestras mais assistidas da série de TED Talk²⁰, dá um destaque especial para o ensino das diferentes linguagens artísticas, identificando o quanto a estrutura curricular de toda e qualquer escola do mundo coloca na base a matemática e a língua mãe sendo ministradas todos os dias; em seguida, duas a três vezes por semana, as ciências (biologia, física e química), a história e a geografia e, por último, apenas uma ou duas vezes, a educação física e a arte. A hierarquia das áreas de conhecimento não para por aí. Dentro do ensino de arte, artes visuais e música se sobrepõem ao teatro e à dança. Ele questiona a razão desta discrepância de forma crítica e ao mesmo tempo irônica: “Por quê? Nós não temos corpos?” Após o sucesso deste Ted Talk, Ken Robinson e Lou Aronica, fizeram um levantamento mais verticalizado junto a diferentes países no mundo acerca da educação básica. O resultado desta ampla pesquisa está disponível no livro, *Creative Schools: The grassroots revolution that’s transforming education*, ainda sem tradução para o português. Nesta obra, eles destacam ainda o quanto a própria estrutura escolar ao redor do planeta dá maior **ênfase aos estudos acadêmicos** relativos ao *quê* estudar em detrimento aos estudos práticos do *como*. Afirma: “Estudos acadêmicos são inquestionavelmente essenciais e devem fazer parte da educação de todo estudante. Mas não são suficientes. Eles são necessários mas não suficientes para o tipo de educação que todos os estudantes precisam agora”²¹ (ROBINSON, 2015, p. 77 – tradução livre).

20 TED Ideas worth spreading - Será que as escolas matam a criatividade? Ken Robinson, Monterey, CA, 2006. Califórnia. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_do_schools_kill_creativity?language=pt-br>.

21 No original: “*Academic studies are unquestionably essential and should form part of every student’s education. But they are not enough. They are necessary but not sufficient to the sort of education that all students now need*”.

A mudança de metáfora aqui exposta tem como objetivo dar o devido valor ao ensino de Arte. Para justificar esta proposta, não vou recorrer a mais pesquisadores do campo da arte nem da educação, mas pedir que o/a leitor/a analise individualmente o que aconteceu consigo durante a pandemia.

Foi a Arte, em suas diferentes expressões, que acompanhou e ajudou milhares de pessoas ao redor do mundo a atravessar o longo período de isolamento social. Em suas moradas, a população consumiu literatura, cinema, música, poesia, performances, dança. Em outras palavras, para superar a solidão e suportar a inércia da longa quarentena, as pessoas precisaram dos e das artistas. Ao mesmo tempo, sem contato com outras pessoas, cada qual foi buscar a Arte dentro de si e produziu clips, paródias, performances, lives; fez pinturas, bordados e colagens. Pessoas precisaram igualmente de professores de arte ao aproveitarem a reclusão e, finalmente, buscarem aprender um instrumento musical ou a cantar, aprender uma nova técnica de pintura ou a editar fotos e produzir vídeos. Pessoas se reconectaram com seus sentimentos, suas sensações e sua expressividade e passaram a recitar poemas, redigir diários, escrever cartas, dançar.

Há relatos de pais e mães que afirmaram que dentre as diversas aulas remotas que tiveram de acompanhar do/a/s filho/a/s, a que conseguiam chegar até o fim era justamente a aula de arte. Depois, da mesma forma que as crianças, ficavam ansiosamente na expectativa da aula de arte na semana seguinte. Será que aprenderam a lição? Guardarão **consigo** essa experiência e memória?

De cereja do bolo para o sal da comida, o ensino de arte deve ser revalorizado por pais, mães, professores, professoras e principalmente por gestores e gestoras. A importância do sal (na conservação de alimentos, como moeda de troca, como bem de onde surgiu a palavra salário) remonta a história da humanidade. O sal está no cotidiano de todas as sociedades. O bolo decorado com a cereja no topo não está presente no dia a dia. Ele surge apenas em momentos de celebração, também importantes, mas não essenciais.

A cereja do bolo torna-se o desejo de muitos, no entanto, sabe-se que será apreciada por uma única pessoa. Esse não pode ser o caso do ensino de Arte, pois a Arte não pode ser exclusiva, por isso a necessidade de apagar de nossas mentes a infeliz comparação do ensino de Arte como a cereja do bolo. Além do que, por ser mera decoração, a cereja do

bolo pode ser suprimida a qualquer momento e de qualquer forma, basta a decisão de um governo (como **já testemunhamos tantas vezes**). Já o sal da comida integra-se ao alimento de tal forma que é impossível retirá-lo, independentemente de vontade governamental, de tecnologia de ponta ou de força **física**. Assim deveria ser com a Arte e seu ensino. Estar impregnada de tal forma à escola que seus agentes, corpo discente, professorado e gestão não possam viver sem seu sabor.

Que esta metáfora ajude a transformar nossa compreensão acerca da importância do ensino de arte em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. Apresentação. **Entrelugares do corpo e da arte**. Campinas: Faculdade de Educação, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif: 2003.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo – a sistematização da Técnica Klaus Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.

PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

ROBINSON, Ken. **Creative schools. The grassroots revolution that's transforming education**. New York: Penguin, 2015.

RAMOS, Jarbas Siqueira. O corpo-encruzilhada como saber do Sul: por uma ecologia dos saberes. In: **Revista OuvirOUVER**, UFU, v. 13. N.1, jan/jul/2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/37467>>. Cesso em: 21 jan. 2021.

ROCHA, Gilmar. **Mauss & a Educação**. São Paulo: Autêntica, 2011.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, Apr. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100005>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

STRAZZACAPPA, Márcia. Invertendo o jogo: a arte como eixo na formação de professores. **ANPED**, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT24%20Trabalhos/GT24-1335_int.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2021.

STRAZZACAPPA, Márcia. Um, dois, três e já! A importância das artes cênicas na formação humana. In: CRUZ, G.; FERNANDES, C.; FONTOURA, S. (orgs.) **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**. Editora De Petrus. E-Book Kindle, 2020.

Recebido em: 21/01/2021

Aceito em: 30/01/2021